

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ESPANHOL NA UFBA E SUA INSERÇÃO COM A SOCIEDADE

Marcia Paraquett
Universidade Federal da Bahia (UFBA)¹

Começo esclarecendo que a proposta inicial de minha fala era a de trazer-lhes, juntamente com outros profissionais de universidades baianas, um painel que lhes desse uma ideia do que se faz, hoje, na Bahia, quanto à formação de professores de espanhol. No entanto, devido à impossibilidade da presença desses profissionais, vou apresentar-lhes, apenas, uma parte do que havia previsto na ocasião em que encaminhei minha proposta de resumo. Mas procurarei ser fiel ao título desta comunicação, mostrando-lhes de que maneira é possível dar-se conta do necessário diálogo entre a formação de professores e o contexto sociocultural no qual realizamos nossa prática pedagógica e nossa pesquisa.

Ao chegar a Salvador, em março de 2009, percebi a forte presença da cultura espanhola naquela cidade. De imediato, propus um projeto de Iniciação Científica (IC), que me ajudasse a mapear aquela presença, tentando entendê-la e associá-la à formação dos professores de espanhol com quem passaria a trabalhar. O referido projeto, realizado pelas alunas pesquisadoras Francine Barreto da Luz Silva e Jamile Cardoso Dias, consistiu na identificação de possíveis intercessões entre a língua-cultura hispânica e a cidade de Salvador. As alunas bolsistas deveriam fazer o mapeamento da presença do espanhol na cidade onde desenvolveriam sua futura prática pedagógica, percebendo que o ensino-aprendizagem de línguas precisa estar em perfeita sintonia com a realidade e as necessidades dos contextos de sua realização. Neste sentido, aquele projeto de IC promoveria a autonomia daquelas futuras professoras de espanhol, além de levá-las a compreender que o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras deve e pode contribuir

¹ PARAQUETT, Marcia. A formação do professor de espanhol na UFBA e sua inserção com a sociedade. In: SANTOS, Rosana Cristina Zanelato; ESTEVES, Antonio Roberto, e RAMOS, Wellington Furtado: *Hispanismo & fronteira*. VI Congresso Brasileiro de Hispanistas. II Congresso Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas. Campo Grande: Editora UFMS. 2011. ISSN 2237-4868.

para a inclusão social, tema central de meu projeto de pesquisa, inscrito no CNPQ², e que se insere na área de Linguística Aplicada.

Os resultados que obtiveram as alunas pesquisadoras foram surpreendentes para elas próprias, nascidas naquela cidade, mas desatentas a seu entorno cultural. A partir das leituras sugeridas, elas conheceram um pouco da presença dos imigrantes espanhóis na formação de nossa cultura, recuperando dados do Ministério do Trabalho e Imigração da Espanha³, para quem, no período compreendido entre 1984 e 2001, ingressaram no Brasil cerca de 709.000 espanhóis. Mas o grande fluxo imigratório se deu entre 1880 e 1930, como consequência do fim do trabalho escravo, o que determinou a contratação de mão de obra livre, levando muitos imigrantes ao plantio do café, através de um modelo de imigração com subsídio, que trouxe ao Brasil trabalhadores com menor recurso financeiro. Esses imigrantes espanhóis chegaram, principalmente, a Belém, Salvador, Rio de Janeiro e Santos (São Paulo), os mais importantes portos de nosso país.

Diferentemente, no entanto, os imigrantes provenientes da Galícia não se valeram da imigração subsidiada, pagando suas passagens e evitando o trabalho nas plantações paulistas do café. E se distinguiram dos demais por preferirem estabelecer-se nos grandes centros urbanos onde, juntamente com os portugueses, monopolizaram o comércio de serviços, em especial, de padarias⁴ e restaurantes.

Mas, a partir de 1961 o número de imigrantes espanhóis com destino ao Brasil começa a cair progressivamente e nos últimos anos é inexpressivo. A maior parte dos espanhóis que abandonaram sua pátria por motivos políticos se dirigiu à Argentina, ao Chile, ao Uruguai, ao México ou a Cuba, onde encontraram regimes políticos mais favoráveis a sua acolhida, já que, naquele período, Getúlio Vargas governava o Brasil

² Título do projeto: Aprendizagem de Espanhol no Brasil: pluralidade cultural e inclusão social

³ <http://www.mtin.es/es/mundo/consejerias/brasil/emigracion/datosSocio.htm>

⁴ Em Salvador, existe uma rede de padarias que atende a quase todos os bairros, principalmente os das classes mais favorecidas, e que se chama *Caballero e Faro Ltda (Perini)*, e que acaba de ser vendida a um grupo chileno. No existe ninguém em Salvador que algum dia, em sua vida, não tenha comprado ou comido um pão da Perini.

com mãos de ferro. Estávamos no ‘Estado Novo’, ocorrido entre 1937 e 1945. Outra razão terá sido, certamente, o fato de falarem a mesma língua daqueles países.

A partir da segunda metade da década de 90, ou seja, mais recentemente, e como consequência do investimento da Espanha no Brasil, se produziu um fluxo de executivos de empresas que têm filiais em nosso país. Mas o perfil desse novo imigrante é bastante diferenciado dos primeiros que aqui chegaram, pois são executivos de alto nível salarial, com formação universitária e com residência temporal, que não ultrapassa os cinco anos, conforme informações recolhidas da tese de doutorado de Maria Paz Pizarro (2010).

Hoje, estamos observando um grande número de empresas espanholas estabelecidas no Brasil, conforme é o caso do Banco Santander, Telefônica, Gás Natural, Iberdrola, Repsol e YPF. Segundo informações oficiais⁵, em 2002 a Espanha era o maior investidor europeu de nosso país; e o segundo no cômputo geral, perdendo apenas para os Estados Unidos.

Em 2008, o investimento bruto espanhol aumentou em 126%, chegando a 2.941 milhões de euros. E o Brasil passa a ser o segundo sócio comercial na Ibero-América⁶. Isso determinou mudanças no âmbito diplomático, pois em nosso país já existem 5 circunscrições consulares espanholas: Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre. Tudo isso nos leva, como professores de espanhol no Brasil, a dar mais atenção a esta língua-cultura, tentando compreender as conseqüências dessa marcante presença.

No caso da Bahia, particularmente, e em palavras de Maria del Rosario S. Albán (1983), os imigrantes galegos escolheram aquele Estado devido ao sucesso já obtido pelos primeiros imigrantes que ali chegaram. Mas ressalta a autora que, “embora boa

⁵ Dados obtidos do Ministério da Indústria, Turismo e Comércio da Espanha através das páginas: http://www.oficinascomerciales.es/icex/cda/controller/pageOfecomes/0,5310,5280449_5299371_5296234_0_BR,00.html [último acesso em 15/10/09] e <http://www.icex.es/pidm/pidm%20brasil.pdf> [último acesso em 9/6/07]

⁶ O México é o primeiro.

parte dos galegos que vieram para a Bahia tenham obtido sucesso financeiro, isso foi resultado de muitos anos de trabalho”.

As cifras da imigração na Bahia podem variar de acordo com as fontes de consulta, mas é comum afirmar que em Salvador, 95% dos imigrantes espanhóis são galegos e, mais concretamente, da cidade de Pontevedra. E essa presença é visível nas ruas de Salvador, pois, devido à necessidade de se reunirem e de se ajudarem mutuamente, além de manterem os vínculos com a pátria e se legitimarem como cidadãos residentes no Brasil, os galegos fundaram e desenvolveram diversas entidades que fazem parte do cenário daquela cidade até hoje.

É o caso do *Centro Espanhol* (ou Clube Espanhol), fundado em 1929 e de uso exclusivo para espanhóis até 1942. É o caso, também, do *Hospital Espanhol* (*Real Sociedade Espanhola de Beneficência*). Estas duas entidades estão localizadas em bairro nobre (Barra) e ocupam áreas muito expressivas. É o caso, ainda, do conhecido curso de idiomas *Caballeros de Santiago*, no bairro do Rio Vermelho, fundado em 1960 e onde se ensina espanhol e inglês, mas não se ensina galego. Segundo as informações obtidas pela aluna pesquisadora, os fundadores eram imigrantes espanhóis (todos galegos) que compartilhavam um sentimento religioso e queriam divulgar a cultura e a língua espanhola na cidade de Salvador. Por isso, as primeiras reuniões foram realizadas numa paróquia, com a presença de um padre, Samuel Martínez, e o denominaram Caballeros de Santiago.

É curioso pensar que o referido curso de idiomas não privilegie o ensino da cultura da Galícia, e há, minimamente, duas explicações para isso: a primeira, dada por uma funcionária do curso, durante a entrevista realizada pela aluna pesquisadora, e teria aspecto comercial: quem se interessaria por aprender o galego, frente ao emergente crescimento do espanhol como língua franca? E a segunda explicação, tomo de Lucia Lippi Oliveira (2006), que ao referir-se à presença dos galegos no Brasil, afirma que “até recentemente [estes] incorporavam a tendência assimilacionista da cultura brasileira; lutavam para vencer a posição de inferioridade; negavam sua origem; faziam do

castelhano a língua oficial; se proclamavam espanhóis. Enquanto o galego era expressão pejorativa, eles não queriam ser identificados como tal. Agora que não é mais assim, eles voltam a ser galegos”.

Minha memória discursiva registra esse momento, pois me lembro que na cidade onde cresci (Niterói/RJ), havia muitos ‘galegos’, mas agora me dou conta de que não sabíamos separar os possíveis galegos dos portugueses, já que ambos foram imigrantes na mesma onda migratória. Não me lembro de ouvir referências aos portugueses, donos do comércio onde se comprava pão, frutas ou galinha viva, como sendo portugueses, mas sim como galegos. Certamente, estávamos confundindo os dois grupos culturais e apagando suas identidades. E ser ‘português’ ou ‘galego’ naquele contexto não era nada cômodo para ninguém.

Além das instituições já referidas acima, os espanhóis-galegos de Salvador também têm um programa de rádio, que divulga informações sociais e culturais dirigidas aos imigrantes espanhóis, além de notícias e da agenda cultural das Instituições Espanholas do Brasil. Refiro-me ao *Programa Hora da Espanha*, na *Rádio Metrópole (101.3 FM)*.

Mas o mais curioso da investigação, pelo menos para mim, foi descobrir a existência do time de futebol *Galicia Esporte Clube*. Segundo o informante, este time teria sido fundado no primeiro dia do ano de 1933, por Eduardo Castro de la Iglesia, ‘un sastre gallego’. Parece-me curioso, porque o nome do time estava na memória discursiva de minhas alunas pesquisadoras, mas elas ainda não tinham feito a conexão entre esse nome e a região espanhola, porque para elas, aquilo fazia parte da cultura local. E, de certa forma, faz mesmo, mas fui eu, com meu olhar ‘estrangeiro’ que lhes perguntei se não lhes parecia curioso que no Estado da Bahia houvesse um time de futebol que se chamasse *Galícia Esporte Clube*. Esse fato revela, muito bem, que a cultura da Espanha, através dos imigrantes da *Galícia*, faz parte da paisagem cultural da cidade de Salvador, *con-fundindo*, no sentido literal da palavra, as duas culturas.

No meu ponto de vista, pensar nesse tipo de questão é fundamental, porque estou trabalhando com a formação de professores de espanhol numa cidade marcada por uma determinada variante dessa língua-cultura. E entendo que um professor de línguas estrangeiras não pode se limitar a uma variante, por mais que esta faça parte de sua história pessoal. Está dando trabalho, em Salvador, levar meus alunos a pensar que a língua espanhola está além do que podem ver na sua cidade e do que está guardado na sua memória discursiva ou mesmo afetiva. Mas, por sorte, a pesquisa mostrou que, além do clube, do hospital, do curso de idiomas, da rádio, da avenida *Santiago de Compostela*, da rua *Reis Católicos*, de restaurantes, padarias, hotéis, escolas e outros serviços, cujos nomes recuperam a tradição espanhola, há, também, a presença da cultura hispano-americana, conforme é o caso da rua *Guadalajara*, uma homenagem a uma cidade do México, onde o Brasil participou da Copa do Mundo de 1970; é o caso da tradicional e elegante rua *Chile*, que recebeu esse nome como consequência de uma partida de futebol entre o Chile e o Brasil, realizada nos anos 30; e é, também, o caso de uma rua e de um bairro popular que se chamam *Uruguai*, uma homenagem que também se prestou a esse país vizinho da América do Sul.

A pequena pesquisa nos ensinou que o cenário está ali, e que basta olhar ao redor para dar-nos conta de que existe muito do universo hispânico na nossa casa. Observem, por exemplo, estas duas fotos tiradas recentemente:



A primeira nos remete a Che Guevara e ressalta um aspecto positivo da cultura hispano-americana, já que a figura desse personagem está relacionada à luz, à ideia, à inteligência. E a segunda confirma a forte presença da Igreja Evangélica Brasileira, convidando eventuais turistas ou residentes falantes do espanhol a participarem de suas

reuniões. Através das conhecidas palavras do Apóstolo Paulo, “Convertíos y creed en el Evangelio” (embora com ‘m’ no lugar do ‘n’), o tradicional, charmoso e boêmio bairro do Rio Vermelho não foge da presença dessa língua-cultura. E tudo isso me parece muito curioso.

No momento, as duas alunas pesquisadoras acabam de concluir a primeira fase do projeto e já começam a segunda etapa, que consiste na produção e aplicação de material didático específico que colabore para a aprendizagem de espanhol em Salvador, levando seus futuros aprendizes a conhecer as relações interculturais entre sua cidade e as culturas da língua estrangeira alvo.

Defendo a idéia de que aprender uma língua estrangeira é tomar contato com outra língua-cultura para, então, transformar esse novo saber em crescimento da própria língua-cultura. E, embora seja verdade que os PCN (1998)⁷, entre outros aspectos de caráter positivo, associem a aprendizagem de línguas estrangeiras ao mercado de trabalho, no caso do espanhol são outros os motivos que justificam a sua necessidade. É possível elencar muitas razões, mas aqui me concentro na Lei 11.161 (2005) que determina a obrigatoriedade do espanhol como disciplina regular do ensino médio nas escolas públicas ou privadas e em caráter optativo para o aluno. Essa lei está determinando urgência na formação de professores que sejam capazes de dar conta da grande demanda que se apresenta, mas, sobretudo, da complexa realidade sociocultural onde se realiza a prática profissional. Neste sentido, o projeto desenvolvido por minhas alunas da UFBA está focado nessa demanda e na realidade circundante.

Uma das mais significativas contribuições do professor de línguas estrangeiras modernas é contribuir para o pluralismo de idéias e para a compreensão de diferentes formas de atuar no mundo, possibilitando o acesso a múltiplas informações e associando linguagem e educação. Esse profissional precisa questionar a identidade e a diferença que nos constituem, ou incorporar discursos silenciados e abrandar o poder dos silenciadores.

⁷ Citar meu artigo do Caderno de Letras

E é por isso que tomo como referência para a formação de professores as propostas da Educação Multicultural ou da Pedagogia Crítica, da maneira como a compreendem Paulo Freire (1996 e 1997), Mota (2004), Mendes (2007) ou Paraquett (2007 e 2009). Além desses autores que discutem a questão multi ou intercultural, vinculando-a à prática da sala de aula, entendo que as perspectivas dos Estudos Culturais (ou Estudos de Cultura) nos ajudam nessas reflexões, se vistas como as veem Hall (2004 e 2006), Canclini (2006) ou Silva (2006).

Seguindo essa mesma linha, há autores que contribuem muito para a aprendizagem de espanhol por brasileiros e, dentre tantos, me reporto a Kulikowski e González (1999), ou Celada e González (2000), autoras que nos estão ajudando a perceber que o ensino-aprendizagem de espanhol por aprendizes brasileiros precisa estar atento a uma lingüística contrastiva que tome língua como manifestação discursiva, ultrapassando, portanto, o limite de uma perspectiva meramente lexical e gramatical. Acrescente-se a isso, a necessidade de se fazer da aprendizagem de uma língua estrangeira uma oportunidade de educar cidadãos, no sentido de dar-lhes condições de serem críticos diante do que leem ou escutam, para, então, transformarem as informações adquiridas em sentidos que lhes ajudem a atuar como brasileiros conscientes de seu papel social.

Dessa forma, e a título de conclusão, esta experiência vivida na formação de professores de espanhol na UFBA confirma que é possível: contribuir para a autonomia do professor de espanhol; aprimorar a compreensão da ‘justa’ proximidade entre o português e o espanhol, marcando algumas diferenças culturais que são fundamentais à aprendizagem de espanhol por brasileiros; contribuir para a compreensão de que o espanhol faz intercessões lingüísticas e culturais com o Brasil, particularmente com Salvador, possibilitando perspectivas interculturais na prática de futuros professores; verificar se houve ou se há políticas que impliquem na hegemonia de determinada variante lingüística e cultural do espanhol sobre as demais; e, finalmente, definir parâmetros que ajudem a pensar nas especificidades do ensino-aprendizagem de espanhol

em Salvador, tomando-se como referência o contexto sociocultural onde se inserem os alunos e os professores envolvidos.

Referências:

1. ALBÁN, Maria del Rosario S. *A imigração galega na Bahia*. Salvador: UFBA, 1983
2. BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)*. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Conhecimento de Língua Estrangeira Moderna. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, 2000.
3. CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2006.
4. CELADA, Maria Teresa y GONZALEZ, Neide (2000). Los estudios de lengua española en Brasil. *Revista Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos*. Suplemento: El Hispanismo en Brasil. Brasília: Thesaurus, p.35-58.
5. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
6. HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Humanitas, 2006.
7. KULIKOWSKI, Maria Zulma; GONZÁLEZ, Neide (1999). Español para brasileños. Sobre por dónde determinar la justa medida de una cercanía. *Revista Anuario Brasileño de estudios hispánicos*, n 9. Brasília: Thesaurus, p.11-19.
8. MENDES, E. A perspectiva intercultural no ensino de línguas: uma relação “entre-culturas”. In: ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz e SILVA, Kleber Aparecido da (Orgs). *Linguística Aplicada: múltiplos olhares*. Campinas: Pontes, 2007, p.119-139.
9. MOTA, Kátia Maria S. Incluindo diferenças, resgatando o coletivo – novas perspectivas multiculturais no ensino de línguas estrangeiras. In: MOTA, K. e SCHEYERL, D. (Orgs.) *Recortes Interculturais na Sala de Aula de Línguas Estrangeiras*. Salvador: EDUFBA, 2004, p. 35-60.
10. PARAQUETT, Marcia . *Linguística Aplicada, inclusión social y aprendizaje de español en contexto latinoamericano*. *Revista Nebrija de Lingüística Aplicada*, 6 (3), 2009, 1-23. <http://www.nebrija.com/revista-linguistica/>
11. PARAQUETT, Marcia. El abordaje multicultural y la formación de lectores en el aprendizaje de español lengua extranjera. In: ZIMMERMANN, Rosane Innig e KELLER, Tânia Mara Goellner (Orgs.) *Cuestiones de Literatura cultura y lingüística aplicada: prácticas en lengua española*. Passo Fundo/RS: UPF, 2007, p.52-70.
12. PIZARRO, Maria Paz Portilla. *A Espanha da Multicultura e o Ensino-Aprendizagem de Espanhol como Língua Estrangeira*. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2010.
13. SILVA, Tomaz Tadeu. da (Org.). *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2006, p.73-102
14. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necesarios a la práctica educativa*. Sao Paulo: Terra e Paz, 1996.
15. FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1997.